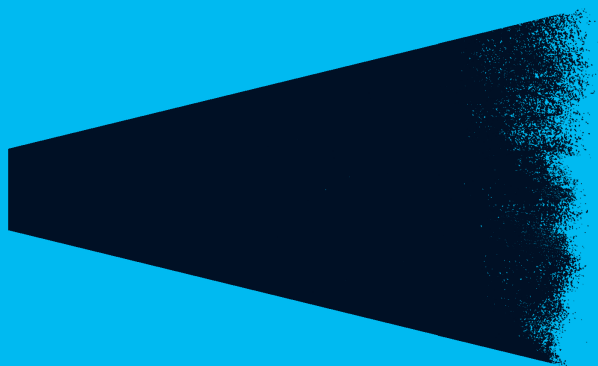
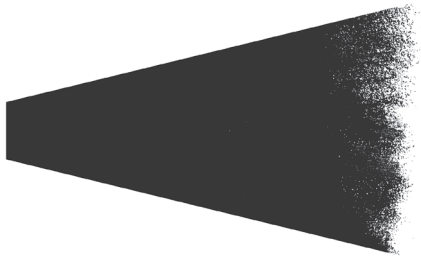


**Daniel
Maia-Pinto
Rodrigues**

Turquesa

PLURAL





**Daniel
Maia-Pinto
Rodrigues
Turquesa**

EXCENTRICIDADE E EXTEMPORANEIDADE
DA POESIA DE DANIEL MAIA-PINTO RODRIGUES*

Rui Lage

1.

A condição de Daniel Maia-Pinto Rodrigues na poesia portuguesa é uma condição excêntrica e extemporânea. Excêntrica por referência ao centro gravítico da Literatura enquanto instituição e fenómeno sociológico. Extemporânea porque desancorada da historicidade, a começar pela história da poesia; porque existe nos seus próprios termos, deslaçada das aporias e disforias daquilo que apelidamos de contemporaneidade. Dessa excentricidade e dessa extemporaneidade brota o seu efeito de estranhamento; e, porventura, o seu salvo-conduto para o porvir.

* Esta introdução segue as linhas-mestras do meu ensaio «Antes que Apodreça: A Poesia de Daniel Maia-Pinto Rodrigues» (in *Dióspiro: Poesia Reunida*. Org. de Luís Miguel Queirós e José Carlos Tinoco; ensaio de Rui Lage. Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2007), do qual é recalibragem e abreviação. Os números de página indicados entre parêntesis remetem para os poemas da presente antologia.

Poeta extraviado do território onde atuam as instâncias legitimadoras da instituição literária — ou o que resta delas —, dissociado de qualquer genealogia ou corrente estética reconhecível, grupo ou publicação coletiva, alheado de polêmicas e querelas (hoje, de resto, praticamente extintas), a sua «fortuna» editorial tem oscilado entre o artesanal e o marginal, com a ressalva das defuntas edições Quasi, onde surgiu, em 2002, a sua primeira recolha antológica (*O Afastamento Está Ali Sentado*), e, em 2007, a sua obra poética completa (*Dióspiro. Poesia Reunida: 1977-2007*). Essas duas publicações, a que se vem juntar a presente antologia, constituem o zénite de um percurso iniciado com *Vento*, em 1983, e que abarca uma dezena de livros. Face a essas duas recolhas, a crítica fez-se desentendida ou, inábil para lidar com a sua singularidade, caiu no equívoco. Assim tem sido até hoje.

O lugar único ocupado por Maia-Pinto é acentuado pela frequente *nonchalance* linguística, que ele ironicamente refere como o «despassamento que é requerido» (p. 370), uma meia distância entre a poesia e a prosa, capaz de incomodar as nossas preconcepções do que seja o poético, num plano análogo ao de Adília Lopes. Seria aliás tentador aproximar a poética de Daniel da poética de Adília, não fosse pela hiperconsciência literária da última, notória numa sabotagem do cânone somente ao alcance de quem é escolado no mesmo. Já em Daniel Maia-Pinto não se vislumbram remissões, correspondências, intertextualidades¹. Com a exceção da entrada em cena desse poeta

¹ Como escreveu Manuel António Pina num prefácio intitulado «O Que Surpreende (e Inquieta) na Poesia de Daniel Maia-Pinto Rodrigues», ficamos com a impressão de que a poesia deste surge «de outro mundo que não o mundo da história feita da poesia portuguesa contemporânea» (Daniel Maia-Pinto Rodrigues, *Malva 62*, Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2005, p. 103).

DISTÂNCIA

Hoje sinto-me bem-disposto
vou aguardar que o sol
ressurja por detrás das nuvens.

Cães ruivos de pelo longo
correm
e a cada passada
aproximam-se do voo.

Plátanos esperam
e os pardais preparam bem
a luz.

Talvez sejam horas de regressar
talvez sejam horas de ficar aqui.

ACONTECE NOS QUINTAIS

Se eu a essa hora
não estiver
podes ir entrando
pelo jardim.

Pergunta o que te aprouver
aos grandes fetos.

Repousa depois
meia hora
no banco de madeira.

Ao cair da tarde
escolhe bem as framboesas.
E pelo estender largo das buganvílias
irás surgir, magnífica quietude,
ante a pousada do anjo da guarda.

Evita a noite
os agapantos endoidecem-se
com a lua.

REFLEXO TORTO

A menina desculpe
mas deve ter escamoteado os factos.
Deve ter entornado pela boca
a água que sorveu do chafariz,
imbuiu decerto no lavatório
as opalas que lhe ofereci.

LÁPIS DE COR

Amo-a, segundo creio
porque lhe ofereço alecrins
nas frases de improviso,
porque desponto nas proficuas tardes
de frémito do sol nas rosas,
porque a encaminho a noites buriladas
de terna mas temporã felicidade,
porque debago os cachos doces
que surgem quando desce as pálpebras.

ÍNCUBO

Vem ter comigo
consegues ouvir-me no teu sono?
procura-me no roxo
nos atalhos da sensualidade
no anil da memória, como lhe chamas.

Adoro ver-te descer a escadaria noturna
aprecio aconchegar-te depois
no acolhimento temperado dos aposentos descidos
ver-te manifestamente feliz e jovem
confortável na minha postiça insanidade e graça.

Acho que conseguirei gostar de ti
e ter contigo atitudes de bom coração
(ai esta postiça insanidade e graça...)

Das próximas vezes que vieres ter comigo
traz senhoras que tenham gostado deste poema
e também algumas das tuas santas
beijarei todas com tempo e paciência.

LA NATURE AU PIMBA

Foram vistas duas palomas blancas in the sky.
Uma era a filha, a outra era o pai.

Gostas de mim nas paisagens que escrevo.
Estou a escrever-me nessas paisagens
para que continues a gostar de mim.

Há calor nesta manhã
nesta manhã de férias nos locais de sossego.
Há calor nesta manhã
nesta casa de férias entre os pinheiros.

Eu já acordei nesta manhã de férias
nesta manhã de sossego
nesta manhã de calor entre os pinheiros.
Eu já acordei e tu também já acordaste.
Já ambos acordámos, portan-
to nesta casa de férias entre os pinheiros.

Há pinheiros do outro lado das portas envidraçadas.
Há o mar mais além depois dos pinheiros
e o calor nessas distâncias de mais um dia.

Há sons de pequeno-almoço dentro da casa
e o calor a entrar pelo vidro das portas.

Gostas de mim nas épocas em que me escrevo,
e eu escrevo, na luz perturbada do calor a mais,
para que não deixe de gostar de ti.

Isto não sei a que propósito foi
num outro dia disse-lhe que gostava de pinhões
ai eu de pinhões, disse ela, só gosto dos grandes
daqueles a que se dá o nome de champinhões.

OUTROS TEMPOS E AGORA

Neste Café
despeço-me do tempo presente que me trouxe até aqui.
Reconheço ainda os lugares, alguns
dos ângulos das paredes, mas já não
reconheço as pessoas. Reconheço-me apenas a mim.

Quis tentar escrever
no sítio onde tanto escrevi. Reconheço
a pessoa que já não sou.



Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos xx e xxi que foi Vasco Graça Moura.

TURQUESA
Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda
© Daniel Maia-Pinto Rodrigues

Direção literária: Jorge Reis-Sá
Capa e *design* da coleção: André Letria
Revisão: Mário Azevedo

Paginação: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro
e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo)
e Geltex 111LS Branco (capa)

ISBN: 978-972-27-2803-4
Depósito legal: 459482/19
Código de edição: 1023481
1.ª edição: dezembro de 2019

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/impresanacional
prelo.incm.pt

Daniel Maia-Pinto Rodrigues nasceu no Porto em julho de 1960. A presente edição é o seu vigésimo livro.

O livro *A Próxima Cor* foi distinguido com o 1.º Prémio Nacional Foz Côa Cultural em 1986 e obteve a Menção Honrosa / Novos Valores da Cultura, atribuída pelo Ministério da Educação e Cultura, segundo o parecer do júri constituído por Fiama Hasse Pais Brandão, Vasco Graça Moura e José Fernando Tavares, em 1988.

O volume *Dióspiro, Poesia Reunida* (1977-2007), com um ensaio de Rui Lage, foi considerado, pela Universidade do Minho, o melhor livro de poesia editado em Portugal no ano de 2007. Mário Cláudio, Rosa Maria Martelo, Pedro Eiras, Manuel António Pina e Rui Lage escreveram, em prefácios e posfácios, sobre a sua obra.

Representado em mais de trinta antologias literárias, diversas das quais publicadas pelas principais editoras portuguesas.

M

I
M
P
R
E
N
S
A

COLEÇÃO PLURAL POESIA

ISBN 978-972-91-4383-4
9 789722 172803 >